



MOBILIDADE ACADÊMICA 2013

29 de setembro de 2013

BOLETIM DE QUESTÕES

Nome: _____ N.º de Inscrição: _____

ÁREA V – LETRAS, COMUNICAÇÃO E CIÊNCIAS DAS ARTES

Cinema e Audiovisual; Comunicação Social (Publicidade e Propaganda); Comunicação Social (Jornalismo); Letras (Língua Alemã, Língua Espanhola, Língua Francesa, Língua Inglesa e Língua Portuguesa); Museologia e Letras LIBRAS e Língua Portuguesa L2.

LEIA COM MUITA ATENÇÃO AS INSTRUÇÕES SEGUINTES.

- 1 Este **Boletim de Questões** contém 40 questões objetivas, sendo 10 questões de **Língua Portuguesa**, 10 de **Literatura**, 10 de **Filosofia** e 10 de **História**.
- 2 Confira se, além deste boletim, você recebeu o **Cartão-Resposta**, destinado à marcação das respostas das questões.
- 3 Verifique se o seu nome e o número de sua inscrição conferem com os dados contidos no **Cartão-Resposta**. Em caso de divergência, notifique imediatamente o fiscal de sala.
- 4 É imprescindível que você marque as respostas das questões de múltipla escolha no Cartão-Resposta com **caneta esferográfica de tinta preta ou azul**, sob pena da impossibilidade de leitura óptica. Na marcação do Cartão-Resposta, você **não** deverá, **sob pena de ter a questão anulada**, utilizar lápis (grafite) e/ou corretivo de qualquer espécie.
- 5 Uma vez entregue pelo fiscal de sala, o Cartão-Resposta é de inteira responsabilidade do candidato e não deverá ser dobrado, amassado, rasurado, manchado ou danificado de qualquer modo, sob pena de o candidato arcar com os prejuízos advindos da impossibilidade de realização da leitura óptica.
- 6 O Cartão-Resposta só será substituído se nele for constatado erro de impressão.
- 7 Do Cartão-Resposta não serão computadas as questões cujas alternativas estiverem sem marcação, com mais de uma alternativa marcada e/ou com marcação feita com caneta de cor e material diferentes daqueles que constam no item 4.
- 8 O tempo disponível para esta prova é de **três horas**, com início **às 9 horas e término às 12 horas**, observado o horário de Belém/PA.
- 9 Os rascunhos e as marcações assinaladas no **Boletim de Questões** não serão considerados na avaliação.
- 10 Ao terminar a prova, você deverá devolver ao fiscal de sala todo o material acima especificado assinar a lista e presença.



LÍNGUA PORTUGUESA

Leia os textos 1 e 2, de Lúcio Flávio Pinto, para responder às questões de 01 a 10.

Texto 1

A lei? Ah, a lei!

01 Os carros que sobem pela Wandenkolk fecham o cruzamento com a João Balbi, na qual forma-se uma
02 longa fila de veículos. O motorista de um ônibus manobra na João Balbi e bloqueia os carros que tentam
03 continuar a avançar pela Wandenkolk. Uma vez ocupada a largura da rua, o motorista coloca o braço para fora
04 e chama seus colegas de infortúnio a aproveitar a barreira que montou e segurem seu caminho. Os motoristas
05 que trancaram o cruzamento buzina desesperados. Estão experimentando o veneno que criaram – e do qual
06 não gostaram, naturalmente.

07 Quando passei pelo ônibus, mirei o motorista com admiração e respeito. Já que uma regra fundamental
08 do trânsito foi desrespeitada, ele resolveu radicalizar. Na loucura do trânsito de Belém do Pará, para doido, só
09 doido e meio.

10 O sinal fica definitivamente vermelho no trecho final da Domingos Marreiros com a José Bonifácio. Três
11 carros avançam com velocidade, obrigando dois pedestres, que estavam na faixa de travessia da rua, a recuar.
12 Quando eles retomam a caminhada, uma motocicleta corta a faixa. A luz vermelha já ultrapassara metade do
13 seu tempo. Por sorte, ninguém foi atropelado.

14 Cenas de algo que vai dominando a vida na capital do Pará: a falta de educação, a incivilidade e a
15 selvageria. O predomínio do mais forte, a instauração do caos. A cada dia, um ponto a mais nessa
16 degenerescência. Por ironia, quanto mais dinheiro as pessoas têm, seja em pequena ou grande quantidade,
17 mais tentam impor sua vontade e seus interesses aos demais – através da força, do poder a que têm acesso.
18 Um drama vivido em escalas e espreado por todo o tecido urbano.

19 Nunca a lei foi tão potoca quanto agora.

Texto 2

O outro não existe

01 Outra demonstração de barbárie é a indiferença dos motoristas de carrões pela sorte de moradores de
02 ruas alagadas. Com certo sadismo, esses motoristas aceleram na passagem pelos trechos inundados. Fazem a
03 água invadir as casas próximas e, quando podem, dão um banho de água suja nos transeuntes.

04 O código de trânsito devia tornar esse comportamento passível de punição e fiscalizar rigorosamente a
05 ação desses bárbaros.

06 Mas pensando bem: se na tempestade que desabou sobre Belém nos dois últimos dias úteis da
07 semana passada não se encontrava qualquer guarda de trânsito nas vias congestionadas e nos cruzamentos
08 bloqueados, que provocaram extensos congestionamentos, a quem recorrer?

Jornal Pessoal, abril de 2013, 1ª quinzena, p. 20.

1 No trecho “Uma vez ocupada a largura da rua, o motorista coloca o braço para fora e chama seus colegas de infortúnio a aproveitar a barreira que montou e segurem seu caminho.” (linhas 03 e 04), do texto 1, a expressão “colegas de infortúnio” refere-se

- (A) aos motoristas de ônibus que subiam a Wandenkolk.
- (B) aos motoristas de ônibus que estavam na João Balbi.
- (C) aos condutores dos veículos que subiam a Wandenkolk.
- (D) aos condutores dos veículos que estavam na João Balbi.
- (E) a todos os que estavam no cruzamento de que trata o texto.

2 No trecho “Estão experimentando o veneno que criaram – e do qual não gostaram, naturalmente.” (linhas 05 e 06), do texto 1, o autor expressa a ideia de que

- (A) a situação criada pela minoria dos condutores dos veículos prejudicou a todos.
- (B) a culpa pelo transtorno criado era dos condutores que subiam a Wandenkolk.
- (C) as vítimas da situação da qual fala o autor eram os motoristas da João Balbi.
- (D) o som das buzinas expressava a insatisfação dos condutores prejudicados.
- (E) é natural que as pessoas buzinem em situações como a descrita pelo autor.



ÁREA V – LETRAS, COMUNICAÇÃO E CIÊNCIAS DAS ARTES

- 3** Ainda no texto 1, do trecho “Quando passei pelo ônibus, mirei o motorista com admiração e respeito. Já que uma regra fundamental do trânsito foi desrespeitada, ele resolveu radicalizar. Na loucura do trânsito de Belém do Pará, para doido, só doido e meio.” (linhas 07 a 09), é correto dizer que o autor aprovou a atitude do motorista de ônibus por
- (A) considerar que uma atitude como esta não é excessiva.
 - (B) não concordar com a regra de trânsito desobedecida por este.
 - (C) considerar que aos motoristas de ônibus deve ser dada prioridade.
 - (D) apreciar a atitude corajosa de impor sua vontade aos demais.
 - (E) ser favorável a atitudes radicais em situações como a do texto.
- 4** No texto 1, o pronome seu no último período do fragmento “O sinal fica definitivamente vermelho no trecho final da Domingos Marreiros com a José Bonifácio. Três carros avançam com velocidade, obrigando dois pedestres, que estavam na faixa de travessia da rua, a recuar. Quando eles retomam a caminhada, uma motocicleta corta a faixa. A luz vermelha já ultrapassara metade do seu tempo.” (linhas 10 a 13) refere-se a
- (A) “o sinal”.
 - (B) “três carros”.
 - (C) “dois pedestres”.
 - (D) “uma motocicleta”.
 - (E) “luz vermelha”.
- 5** No texto 1, o significado de “degenerescência” em “A cada dia, um ponto a mais nessa degenerescência.” (linhas 15 e 16) é
- (A) desordem.
 - (B) decadência.
 - (C) descaso.
 - (D) deturpação.
 - (E) depravação.
- 6** O conector pois poderia ser empregado entre os períodos do fragmento
- (A) “Os carros que sobem pela Wandenkolk fecham o cruzamento com a João Balbi, na qual forma-se uma longa fila de veículos. O motorista de um ônibus manobra na João Balbi e bloqueia os carros que tentam continuar a avançar pela Wandenkolk.” (linhas 01 a 03 do texto 1)
 - (B) “Já que uma regra fundamental do trânsito foi desrespeitada, ele resolveu radicalizar. Na loucura do trânsito de Belém do Pará, para doido, só doido e meio.” (linhas 07 a 09 do texto 1)
 - (C) “O sinal fica definitivamente vermelho no trecho final da Domingos Marreiros com a José Bonifácio. Três carros avançam com velocidade, obrigando dois pedestres, que estavam na faixa de travessia da rua, a recuar.” (linhas 10 e 11 do texto 1)
 - (D) “Quando eles retomam a caminhada, uma motocicleta corta a faixa. A luz vermelha já ultrapassara metade do seu tempo.” (linhas 12 a 13 do texto 1)
 - (E) “Com certo sadismo, esses motoristas aceleram na passagem pelos trechos inundados. Fazem a água invadir as casas próximas e, quando podem, dão um banho de água suja nos transeuntes.” (linhas 02 e 03 do texto 2)
- 7** No texto 1, em “Estão experimentando o veneno que criaram – e do qual não gostaram, naturalmente.” (linhas 05 e 06) tem-se um exemplo de
- (A) ironia.
 - (B) antítese.
 - (C) eufemismo.
 - (D) metonímia.
 - (E) prosopopeia.



ÁREA V – LETRAS, COMUNICAÇÃO E CIÊNCIAS DAS ARTES

- 8** Com relação aos textos 1 e 2, o elemento que expressa relação de anterioridade e posterioridade entre as ideias expressas no fragmento em que ocorre é
- (A) “Uma vez ocupada a largura da rua, o motorista coloca o braço para fora e chama seus colegas de infortúnio a aproveitar a barreira que montou e seguirem seu caminho.” (linhas 03 e 04 do texto 1)
 - (B) “Quando passei pelo ônibus, mirei o motorista com admiração e respeito. Já que uma regra fundamental do trânsito foi desrespeitada, ele resolveu radicalizar.” (linhas 07 e 08 do texto 1)
 - (C) “O domínio do mais forte, a instauração do caos. A cada dia, um ponto a mais nessa degenerescência.” (linhas 15 e 16 do texto 1)
 - (D) “Fazem a água invadir as casas próximas e, quando podem, dão um banho de água suja nos transeuntes.” (linhas 02 e 03 do texto 2)
 - (E) “Mas pensando bem: se na tempestade que desabou sobre Belém nos dois últimos dias úteis da semana passada não se encontrava qualquer guarda de trânsito nas vias congestionadas e nos cruzamentos bloqueados, que provocaram extensos congestionamentos, a quem recorrer?” (linhas 06 a 08 do texto 2)
- 9** Dos textos 1 e 2, o fragmento que não contém exemplo de linguagem coloquial é
- (A) “Os motoristas que trancaram o cruzamento buzina desesperados.” (linhas 04 e 05 do texto 1)
 - (B) “Na loucura do trânsito de Belém do Pará, para doido, só doido e meio.” (linhas 08 e 09 do texto 1)
 - (C) “Cenas de algo que vai dominando a vida na capital do Pará: a falta de educação, a incivilidade e a selvageria.” (linhas 14 e 15 do texto 1)
 - (D) “Nunca a lei foi tão potoca quanto agora.” (linha 19 do texto 1)
 - (E) “O código de trânsito devia tornar esse comportamento passível de punição e fiscalizar rigorosamente a ação desses bárbaros.” (linhas 04 e 05 do texto 2)
- 10** No que diz respeito aos tipos textuais, sobre os textos 1 e 2 é correto dizer que
- (A) o primeiro é predominantemente descritivo e o segundo é predominantemente argumentativo.
 - (B) o primeiro é predominantemente narrativo e o segundo é predominantemente argumentativo.
 - (C) o primeiro é predominantemente argumentativo e o segundo é predominantemente descritivo.
 - (D) o primeiro é predominantemente narrativo e o segundo é predominantemente descritivo.
 - (E) apesar de conter fragmentos descritivos e argumentativos, em ambos predomina a narração.

LITERATURA

- 11** O Trovadorismo português inicia-se em 1198 (ou 1189) com o trovador Paio Soares de Taveirós, com a cantiga “A Ribeirinha”. O lirismo trovadoresco foi marcado pela exaltação do amor entre o poeta e sua amada, ou entre a amada e o poeta, por vezes entre a mulher enamorada e seu amado distante. Esses aspectos são determinantes para caracterizar o lirismo-amoroso na condição de cantiga de amor ou como cantiga de amigo. Considerando essa variação no Trovadorismo de teor lírico, pode-se afirmar que:
- (A) a cantiga de amor é marcada pelo lamento da amada em relação à ausência de seu amado que foi para o fossado, demorando a voltar.
 - (B) a cantiga de amigo apresenta o sarcasmo como marca de um amor não correspondido, pois o amado encontra-se distante da camponesa enamorada.
 - (C) ambas as cantigas apresentam como tema determinante a luta das amadas em denunciar os desmandos dos reis que sacrificavam os amados nas guerras.
 - (D) a cantiga de amigo é marcada pela confissão amorosa da mulher, que se dirige à mãe, às amigas ou à natureza, reclamando da ausência do amado.
 - (E) a cantiga de amor apresenta sentido ambíguo no tratamento dispensado ao amado, ora visto como inacessível, ora como subserviente à amada.



ÁREA V – LETRAS, COMUNICAÇÃO E CIÊNCIAS DAS ARTES

12 Leia o excerto abaixo e responda à questão:

“Pois vens ver os segredos escondidos
Da natureza e do húmido elemento,
A nenhum grande humano concedidos
De nobre ou de imortal merecimento,
Ouve os danos de mi que apercebidos
Estão a teu sobejo atrevimento,
Por todo o largo mar e pola terra
Que inda hás de sojugar com dura guerra”.

(CAMÕES, Luís de. Canto V. *Os lusíadas*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1989)

Essa estrofe, do episódio O Gigante Adamastor, de *Os lusíadas*, de Luís Vaz de Camões (1524-1580), representa:

- (A) um monstro da mitologia grega que impede o avanço da frota de Pedro Álvares Cabral, fazendo com que ocorresse maremoto na península Antártica, naufragando o navio do comandante da frota.
- (B) o Cabo Orange, localizado no norte do Brasil, que ocasionou enormes danos aos navegantes portugueses em suas tentativas de avanço e descoberta do caminho marítimo para as índias americanas.
- (C) o mito de Netuno, deus dos mares da mitologia grega, responsável pelo sucesso da navegação marítima portuguesa e suas conseqüentes descobertas, juntamente com a deusa Vênus, enamorada de Vasco da Gama.
- (D) a imperícia dos navegantes portugueses em seu avanço pelo Cabo das Tormentas, o que resultou em sangrentas guerras com as nações africanas, fruto do atrevimento da nobreza lusitana.
- (E) a coragem do herói épico, que, mesmo a despeito de seus medos e incertezas, enfrenta as forças da natureza, figuradas pelo gigante greco-romano, alçando o sucesso e também a história trágico-marítima.

13 Leia atentamente a reflexão abaixo e em seguida marque a alternativa correta:

“O berço fidalgo e o exercício de profissão liberal prestigiada concorreram para formar em Gregório um ponto de vista bastante peculiar que, porém, não o subtrai de todo à figura do intelectual tradicional (...). O intelectual eclesiástico (...) resiste, cultural e passionalmente, aos valores do mercantilismo e da impessoalidade funcional, apegando-se aos velhos direitos do sangue e do nome e às honras e aos privilégios de ordens estamentais (...)”

(BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p.100)

Considerando-se a reflexão acima podemos afirmar que o excerto abaixo que mais se adequa à descrição da personalidade de Gregório de Matos é:

- (A) A ti trocou-te a máquina mercante,
Que em tua larga barra tem entrado,
A mim foi-me trocando e tem trocado
Tanto negócio e tanto negociante.
- (B) Que importa do nauta o berço,
Donde é filho, qual seu lar?...
Ama a cadência do verso
Que lhe ensina o velho mar!
- (C) O navio está aí ancorado no cais.
Comeu do mar grosso
jogou no oceano
a carga que trouxe botou nos galpões.
- (D) Dessas águas furtadas onde eu moro
Eu a vejo estendendo no telhado
Os vestidos de chita, as saias brancas;
Eu a vejo e suspiro enamorado
- (E) O remédio será seguir o imundo
Caminho, onde dos mais vejo as pisadas,
Que as bestas andam juntas mais ornadas,
Do que anda só o engenho mais profundo.



ÁREA V – LETRAS, COMUNICAÇÃO E CIÊNCIAS DAS ARTES

14 Leia o poema abaixo e, em seguida, marque a alternativa correta:

“Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá,
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

“Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

“Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

“Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar – sozinho, à noite –
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

“Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu’inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá”.

(DIAS, Gonçalves. “Canção do exílio”. In: FACIOLI, Valentim, OLIVIERI, Antônio Carlos (org.). *Antologia de poesia brasileira: romantismo*. São Paulo: Ática, 1985. p. 26).

O poema de Gonçalves Dias refere-se a um tempo em que o poeta esteve exilado, longe de sua Pátria, na cidade de Coimbra. A respeito desse poema podemos afirmar, quanto ao aspecto temático da poesia romântica brasileira, que:

- (A) o poema é construído mediante a articulação de dois espaços opostos, ou seja, a pátria (Brasil) e o exílio (Portugal), o que evidencia o sentimento saudosista e conflituoso do poeta romântico.
- (B) “Canção do exílio” é uma poesia que contradiz as características da poesia romântica, ao retratar um amor distanciado entre o poeta e sua amada, ele em Portugal e ela no Brasil.
- (C) o poema “Canção do exílio”, por exaltar a natureza brasileira, é considerado um marco do Arcadismo, em função de sua preocupação com a natureza e com os valores da tradição rural do setecentismo.
- (D) no poema de Gonçalves Dias identificamos, através de metonímias, alguns elementos da natureza que não correspondem ao nacionalismo romântico, como a presença de elementos telúricos do Brasil.
- (E) o poema acima apresenta descritivismo estéril de sentimentalismo, com ausência de estados emocionais, como saudade, tristeza e desilusão, comprometendo fortemente a temática do poema.

15 A narrativa *Cinco minutos*, de José de Alencar (1829-1877), apresenta uma história de amor que tem início casualmente em um ponto de ônibus, na cidade do Rio de Janeiro. Aparentemente banal, a narrativa nos traz valores da sociedade burguesa nascente, em meados do século XIX, no Brasil, marcados pela visão egocêntrica da vida. Podemos observar a questão no fragmento a seguir:

“aí abrigamos o nosso amor e vivemos tão felizes que só pedimos a Deus que nos conserve o que nos deu; a nossa existência é um longo dia, calmo e tranquilo, que começou ontem, mas que não tem amanhã. Uma linda casa, toda alva e louça, um pequeno rio saltitando entre as pedras, algumas braças de terra, sol, ar puro, árvores, sombras... eis toda a nossa riqueza”

(ALENCAR, José de. *Cinco minutos*. Porto Alegre: L&PM, 2008. p. 79).

Marque a alternativa que resume as características românticas que mais se ajustam ao excerto literário acima:

- (A) valorização do humor e da monotonia, em razão da felicidade apresentada pelos amantes em uma vida simples.
- (B) ênfase na religiosidade e no antiburguesismo, uma vez que os amantes optam por viver junto à natureza.
- (C) conflito entre os amantes e a sociedade burguesa, por isso o isolamento no campo como busca da simplicidade de vida.
- (D) compreensão das patologias sociais e do amoralismo humano, pois os amantes fogem de qualquer regra social.
- (E) subjetivismo e evasão, pois os amantes optam pelo isolamento para um mundo de sonhos e emoções pessoais.



ÁREA V – LETRAS, COMUNICAÇÃO E CIÊNCIAS DAS ARTES

16 A respeito do conto “O voluntário”, de Inglês de Sousa (1853-1918), segundo Barreto, referindo-se a Wilson Martins (1978), “ao ilustrar os desmandos e as truculências praticadas pelas autoridades durante o recrutamento, esse conto [...] pode ser considerado como o precursor de uma ‘escola revisionista’ sobre a Guerra do Paraguai” (BARRETO, Mauro. *O romance da vida amazônica*. Presidente Vencesleu, SP: Letras à Margem, 2003. p.60). O revisionismo se torna particularmente necessário se atentarmos para o modo truculento e arbitrário de recrutamento dos segmentos mais empobrecidos da sociedade, mediante os desmandos de políticos e autoridades locais, o que é exemplificado pelo tapuio Pedro, no conto.

Marque a alternativa correta que caracteriza tematicamente o Realismo-Naturalismo, no referido conto, pela presença de:

- (A) tensões sociais e raciais que denunciam a articulação de uma ideologia liberal com a prática escravista, na constituição do Brasil moderno.
- (B) nacionalismo marcado pela construção do herói típico brasileiro, representado mediante o tapuio que lutou na Guerra do Paraguai.
- (C) regionalismo literário, em decorrência do relevo da cor local, seja na descrição da natureza ou na descrição dos tipos humanos.
- (D) problemas sociais urbanos, decorrentes da luta de classes entre as autoridades da justiça e os mestiços habitantes das periferias das cidades.
- (E) movimentos sociais organizados, que reivindicavam direitos iguais em relação aos brancos e aos mestiços na Amazônia.

17 No conto “José Matias” (1897), Eça de Queirós (1845-1900) surpreende o público com uma narrativa que tem como protagonista personagem que aparenta caráter ultrarromântico, por dedicar à amada Elisa um amor irremediavelmente espiritual, mesmo que Queirós seja reconhecidamente um literato do Realismo-Naturalismo. No entanto, podemos compreender esse disfarce do escritor se considerarmos que a narrativa traz marcas do estilo realista-naturalista presentes, no enredo, mediante:

- (A) a compreensão de que o amor deve ser sublimado para que se alcance a verdadeira razão positivista que envolve a relação amorosa de amantes extasiados pelo sentimento.
- (B) a fidelidade do amante José Matias, que, mesmo distante, sente-se recompensado pelo olhar de Elisa, seja da varanda da casa da Parreira ou do sobrado da rua de São Bento.
- (C) um plausível amor contemplativo e ideal de José Matias, mas que se configura como uma patologia que leva à renúncia de possuir o outro e arrasta o protagonista à miséria física e social.
- (D) o final miserável e conturbado de José Matias, que prova a máxima de que a vida deve ser vivida com hedonismo, pelo prazer carnal e ultraje das regras sociais, mesmo sem a realização amorosa.
- (E) a presença de um narrador homodiegético, participante ocular dos fatos, que investiga a condição de José Matias, sem, no entanto, chegar a uma conclusão sobre o protagonista.



ÁREA V – LETRAS, COMUNICAÇÃO E CIÊNCIAS DAS ARTES

- 18** Observe o excerto, abaixo, do poema “Liamba”, de Bruno de Menezes (1893-1963), e a seguir marque a alternativa correta relativa à questão:

“Um cigarro da tua erva chama a ‘linha’ do pajé...

Amoleces o corpo cansado
do negro que deitou moído
e te fuma e sonha longe
beijo mole babando...

O coitado do africano,
da caboclada sujeita,
na entorpecência da tua fumaça
não queria mais acordar”.

(MENEZES, Bruno de. *Batuque*. Belém: [s.n], 2005. p. 67)

Podemos afirmar, em relação ao caráter modernista de Menezes, e baseado no poema, que:

- (A) os versos são marcados pela sinestesia simbolista, na presença de sensação visual e olfativa decorrente da fumaça do cigarro.
- (B) a musicalidade dos versos está comprometida pelo prosaísmo da narrativa, que relata a experiência iniciática da pajelança e do uso de drogas.
- (C) as aliteraões e sinestésias na narrativa em versos, mais a temática social e da negritude, são marcas da dessacralização na literatura moderna.
- (D) o tratamento do tema da negritude é semelhante ao do Realismo-Naturalismo porque denota uma patologia social que é o uso da droga.
- (E) a morte psicológica das personagens, que não mais querem acordar, é decorrente da miséria de uma cultura de pobres e negros na sociedade brasileira.

- 19** A poesia de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) é considerada moderna, dentre outros motivos, pela reflexão em relação à palavra poética, que passa a ter um caráter antidiscursivo e prosaico, além do poeta considerar que a palavra poética se instaura pela crise de valor na tradição poética vigente, mediante a busca do sentido do mundo na perquirição das palavras. Os versos que melhor se adequam a estas características drummondianas são:

- (A) Certa palavra dorme na sombra
de um livro raro.
Como desencantá-la?
É a senha da vida
a senha do mundo.
Vou procurá-la.
- (B) Vai a penetração rompendo nuvens
e devassando sóis tão fulgurantes
que nunca a vista humana os suportara,
mas, varado de luz, o coito segue.
- (C) De tudo, ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.
- (D) Enfarinhar, por rabos, dar risadas,
Gastar para comer muito dinheiro,
Não ter mãos a medir o Taverneiro,
Com réstias de cebolas dar pancadas.
- (E) Nau que a ti mesma te armaste
do nada que podemos.
Nave do nada feita e quase ave
desfeita em voo puro e quase mito.



20 O conto “A terceira margem do rio”, de João Guimarães Rosa (1908-1967), apresenta um narrador homodiegético, participante da narrativa, mas que não se configura, *a priori*, como protagonista. No entanto, a marca da narrativa moderna é a presença de narrador que se destaca como testemunha dos fatos e contribui, assim, na construção do enredo, que de outro modo não seria conhecido, pois o protagonista não se manifesta diretamente como narrador.

No conto, essa característica da narrativa moderna se constitui mediante:

- (A) o ponto de vista do sobrinho, que tentou de toda maneira ajudar o tio na construção da canoa que levaria este ao encontro de sua família.
- (B) a irmã do narrador, que casou e realizou uma grande festa na beira do rio como forma de ajudar o pai a reencontrar a família.
- (C) as lembranças da mãe do narrador, quando se tornou a mulher responsável pela família depois da ausência do pai que se lançou ao rio.
- (D) as indagações do narrador, quando seu pai abandona a família para buscar a riqueza na beira do rio, construindo uma canoa que o levaria ao encontro de seus sonhos.
- (E) o ponto de vista do narrador, que a partir de sua experiência e suas indagações busca a compreensão dos atos do pai, construindo a narrativa de si mesmo.

FILOSOFIA

21 A análise a partir de um determinismo econômico rígido não permite que se compreenda o fato de as ideologias sobreviverem fora do contexto imediato de sua vida. Em contrapartida, uma análise baseada na noção de autonomia absoluta, destruindo toda e qualquer relação com a realidade econômica, de certo modo, corta a ideologia de suas raízes. De acordo com o texto acima, o papel da ideologia num determinado contexto histórico-social pode ser adulterado, tendo em vista as seguintes afirmativas:

- I por uma hipertrofia da base econômica sobre o nível ideológico.
- II pela autonomia absoluta da função ideológica em detrimento dos fatores econômico-sociais.
- III pela autonomia relativa do papel ideológico sobre os níveis econômico e político-sociais.
- IV pela inserção da ideologia no contexto econômico de um determinado período histórico.

Estão corretas, apenas,

- (A) I e II.
- (B) I e III.
- (C) I e IV.
- (D) II e III.
- (E) II e IV.



ÁREA V – LETRAS, COMUNICAÇÃO E CIÊNCIAS DAS ARTES

22 Segundo uma determinada concepção de linguagem verbal, no discurso humano sons diferentes têm significações diferentes, e estudar a coordenação entre certos sons e seus respectivos significados equivale a estudar a língua. De acordo com o texto acima, é lícito afirmar que

- I num mesmo idioma sons diferentes têm significados diferentes, e isso vale para todos os idiomas.
- II no discurso humano é irrelevante a diferenciação entre os sons articulados e os respectivos significados, tendo em vista a diversidade dos idiomas.
- III a diferença de significados corresponde à diferença entre os idiomas.
- IV o estudo da língua equivale ao estudo do som articulado e de seu respectivo significado.

Estão corretas apenas as afirmativas

- (A) I e II.
- (B) I e III.
- (C) I e IV.
- (D) II e III.
- (E) II e IV.

23 Considerando que, no sistema democrático, a eleição é um movimento forte da vida política, certamente o processo de designação das funções governamentais é mais complexo do que parece. Assim, além dos candidatos que solicitam os sufrágios dos cidadãos, um grande número de funções políticas importantes não são atribuídas por eleição.

De acordo com o texto acima, é correto afirmar que

- I nos seios dos partidos políticos, as eminências pardas exercem uma influência dominante sem ser eleitas diretamente.
- II na estrutura governamental, certos homens têm um poder considerável sem ser titulares de um mandato efetivo.
- III os eleitores têm poder, no sistema democrático, para escolherem todos os integrantes das funções políticas do partido vencedor nas eleições majoritárias.
- IV Nas eleições proporcionais, todas as funções políticas importantes são exercidas exclusivamente pelos candidatos vencedores.

Estão corretas as afirmativas

- (A) I e II, apenas.
- (B) I e III, apenas.
- (C) II e III, apenas.
- (D) II e IV, apenas.
- (E) III e IV, apenas.



ÁREA V – LETRAS, COMUNICAÇÃO E CIÊNCIAS DAS ARTES

24 A finalidade dos Direitos do Homem não é resolver todos os problemas da sociedade, mas impedir que eles sejam enfocados sem o consentimento dos homens. Nesse sentido, eles são de natureza política, entendida como meio de resistência ao poder e à dominação do Estado. Baseado no texto supra-citado é lícito afirmar que

- I a existência de um conjunto de regras que se impõe às autoridades públicas dá corpo à noção de Estado de Direito.
- II o Estado propriamente dito, bem como seus governantes devem ser submetidos ao Estado de Direito.
- III as autoridades governamentais devem agir, exclusivamente, de acordo com o projeto de governo anunciado por ocasião das eleições.
- IV a tradução técnica de Estado de Direito realiza-se no que os juristas denominam o princípio de ilegalidade.

Estão corretas apenas as afirmativas

- (A) I e II.
- (B) I e III.
- (C) I e IV.
- (D) II e III.
- (E) II e IV.

25 A arte será o caminho pelo qual uma realidade histórica e social se exprime por meio de uma sensibilidade individual. Nesse sentido, é comum, entre os intérpretes, a concepção de que o grande artista se identifica, pela imaginação, com a visão de mundo coerente, de uma sociedade historicamente determinada. Tal concepção implica na

- (A) existência de sistemas mentais concebidos como seres exclusivamente racionais, independente de seu modo subjetivo de expressão, refletindo os valores de diferentes classes sociais.
- (B) concepção de gênio que cria livremente, por meio da imaginação, sua visão de mundo conforme seus atributos artísticos.
- (C) arte como meio pelo qual a realidade histórica se traduza como visão de mundo de uma sociedade determinada, de acordo com a da perspectiva artística de seu autor.
- (D) concepção racional do artista sobre o momento histórico de sua época, por meio da faculdade do entendimento.
- (E) posição individual do artista sem o compromisso com a vida espiritual da sociedade em que vive e atua livremente.

26 A unificação do respeito à tradição enraizada e ao gosto da renovação permanente encerra termos que são antinômicos. A tradição pode ser terra firme e pode ser rotina sufocante. A renovação pode ser destruidora e pode ser reconstrutora. A solução para tal impasse é

- (A) a dialética, na qual a síntese é a separação das teses e das antíteses, ultrapassando-as, mas conservando-as, ao mesmo tempo.
- (B) o respeito incondicional à tradição, como forma de impedimento da renovação destruidora das novas concepções estéticas.
- (C) o gosto pela renovação intermitente, como forma de eliminação dos termos equívocos da reconstrução artística redentora.
- (D) a dialética que suprime as soluções antagônicas em favor de uma solução artística revolucionária.
- (E) a rejeição da reunião inconciliável da tradição e da renovação artística como forma de superação de uma falsa alternativa de criação artística.



ÁREA V – LETRAS, COMUNICAÇÃO E CIÊNCIAS DAS ARTES

27 O homem tem necessidade da ficção artística devido à sua permanente insatisfação em relação ao que ele é. Tal fato se deve a sua(eu)

- I finitude.
- II incompletude.
- III aspiração à onisciência divina para um mundo melhor.
- IV inconformismo.
- V arrogância e ao seu egoísmo.

Estão corretas apenas

- (A) I, II e III.
- (B) I, II e IV.
- (C) I, II e V.
- (D) II, III e IV.
- (E) II, IV e V.

28 O mundo da cultura é produto da instituição humana, por isso distingue-se do reino da natureza, que é constituído independentemente do arbítrio dos homens. Segundo esse critério, indique as afirmativas corretas:

- I O Reino da natureza é o domínio do caos, livre da vigência das leis.
- II O Reino dos entes naturais é comandado exclusivamente por um determinismo.
- III O mundo da cultura é presidido por leis irrevogáveis.
- IV O domínio da cultura é regido por leis suscetíveis de serem revogadas.

Estão corretas

- (A) I e II, apenas.
- (B) I e III, apenas.
- (C) I e IV, apenas.
- (D) II e III, apenas.
- (E) II e IV, apenas.

29 Um determinado fenômeno social pode ser estudado e compreendido diversamente por várias modalidades de teorias científicas cujas diferenças são explicadas pelos respectivos aparatos conceituais. Assim sendo, o papel da linguagem deve ser considerado como

- (A) independe do processo cognitivo.
- (B) constitutivo do objeto do conhecimento.
- (C) distorção da objetividade do conhecimento.
- (D) meio de homogenização dos processos cognitivos.
- (E) entidade extraída da própria realidade em questão.

30 O processo de inferência da lógica Aristotélica é entendida como a forma de conclusão a partir de uma ou mais premissas tomadas como ponto de partida. O procedimento conclusivo pode ser obtido de modo imediato

- (A) por meio de uma única premissa.
- (B) diretamente de duas premissas.
- (C) a partir de mais de duas premissas.
- (D) intuitivamente por meio do raciocínio.
- (E) empiricamente, uma vez comprovada a veracidade das premissas.



HISTÓRIA

31 Leia atentamente o trecho abaixo e responda à questão proposta.

“Falarei, portanto, demoradamente da história, do tempo da história. Menos para os leitores desta revista [dos Annales], especialista em nosso campo de estudo, do que para os nossos vizinhos das ciências humanas. (...). Das experiências e tentativas recentes da história se depreende – de modo consciente ou não, aceito ou não – uma noção cada vez mais precisa da multiplicidade do tempo e do valor excepcional da longa duração”.

Fernand Braudel. “História e ciências sociais: a longa duração”. In Fernando Novais & Rogério F. da Silva (orgs.). *Nova história em perspectiva. Volume 1: propostas e desdobramentos*, São Paulo: Cosacnaify, 2011, p. 89.

De acordo com o trecho acima e com as ideias expostas sobre o tempo histórico por seu autor, este tempo caracteriza-se por ser:

- (A) múltiplo, variado e dependente da luta de classe (tempo curto) e dos modos de produção (tempo longo), como destacava o marxista Fernand Braudel, dentro da revista histórica francesa dos Annales.
- (B) variado e dependente das conjunturas nacionais (tempo curto) e internacionais (tempo longo). Este tempo também foi marcado pelos ideais historicistas Braudelianos, que prevaleciam na revista histórica dos Annales.
- (C) segmentado em tempos médio (econômico) e longo (geográfico), à imitação entre os historiadores dos Annales e os cientistas humanos estruturalistas, como o antropólogo francês Lévi Strauss, inventor dessa segmentação.
- (D) dividido entre a longa duração (classes sociais) e a curta duração (tempo geográfico), em um claro combate à ideia estruturalista de um tempo diferenciado para sociedades “frias” (simples) e “quentes” (complexas).
- (E) dividido entre tempos curtos, (dos acontecimentos factuais), do médio (da história social) e do longo (das mudanças espaciais e geográficas) em um claro debate entre os historiadores dos Annales e os cientistas sociais.

32 “A sociedade medieval foi, mais do que muitas outras, uma sociedade de oposições e, se recusou o maniqueísmo doutrinal, praticou um maniqueísmo de fato através de oposições de tipo bons/maus, ou então, de tipo superior/inferior. [...] Todavia o fato de terem tomado consciência de que a sociedade se ia tornando mais complexa, levou os homens da Idade Média a preferirem esquemas mais articulados do que o simplista esquema binário. [...] o esquema que mais sucesso teve entre os clérigos e o que mais sucesso tem, atualmente, entre os historiadores, é o trifuncional...”.

Jacques Le Goff. “O homem medieval”. In Jacques Le Goff (org.). *O homem medieval*. Lisboa: Editorial Presença, 1989, p. 15.

De acordo com as ideias expostas no trecho acima e segundo o pensamento de historiadores como Jacques Le Goff, a sociedade feudal caracterizava-se por ser:

- (A) binária e marcada pela oposição básica e maniqueísta entre bons e maus, ou entre superiores e inferiores, pois era uma sociedade simples e que não teve chances de se tornar complexa.
- (B) binária no início e, posteriormente, mais complexa e tripartida, caracterizada pela presença dos cavaleiros (que batalhavam), dos clérigos (que oravam) e dos camponeses (que trabalhavam).
- (C) alternadamente binária e trifuncional, ora acreditando na divisão de classes sociais (superiores e inferiores) e ora crendo em uma sociedade de trabalhadores, de padres e de reis absolutos.
- (D) simultaneamente binária e tripartida, pois havia lugares na Europa medieval mais atrasados, onde somente havia ricos e pobres e havia outros locais, mais complexos, onde existiam cavaleiros, clérigos e trabalhadores (camponeses e operários).
- (E) apenas tripartida, caracterizada pela presença daqueles que oravam (clérigos), dos que combatiam/trabalhavam (cavaleiros/camponeses) e dos que governavam (reis e nobres).



ÁREA V – LETRAS, COMUNICAÇÃO E CIÊNCIAS DAS ARTES

33 Sobre a obra de Fernand Braudel intitulada *A identidade da França*, escreveu o historiador inglês Perry Anderson:

“A reivindicação de Braudel para a França reflete a primazia teórica que ele concedia à geografia em geral na causação social. A França, para Braudel, teria, geograficamente, uma riqueza de ambientes e recursos contrastados sem igual entre seus vizinhos. Na realidade, contudo, a França distinguiu-se historicamente de seus vizinhos não tanto por sua variedade geográfica, como por sua unidade política conseguida cedo. Outro problema: as alegações de diversidade e continuidade na construção da identidade francesa proposta por Braudel compartilham, contudo, uma estrutura comum. Elas deveriam ser lidas não como descoberta da história empírica, mas como pontos fixos da ideologia nacional. Todas as mitologias étnicas têm um caráter territorial ou genealógico – traçando a identidade do grupo até uma alocação original ou uma ancestralidade primordial”.

Trecho adaptado. Perry Anderson. “Fernand Braudel e a identidade nacional”. *Zona de compromisso*. São Paulo: UNESP, 1996, p. 138, 139, 140 e 141

As críticas de Perry Anderson à obra de Fernand Braudel representam posições teóricas diferentes entre os dois historiadores. São estas as posições:

- (A) Braudel era marxista e seus ideais pautavam-se em posições estruturalistas, que valorizavam a geografia em detrimento da história política. Já Anderson era positivista e acreditava na história política e no seu desatrelamento da causa geográfica.
- (B) Anderson criticava a postura de Braudel que, como representante da escola dos Annales, percebia o papel primordial da longa duração (geografia) para a compreensão da identidade da França. Para Anderson a história era de cunho social, repleta de ideologia (mitos étnicos nacionalistas) e de lutas de classe.
- (C) Anderson era marxista e criticava a concepção estrutural e de longa duração proposta por Braudel, um dos membros da escola dos Annales. Os dois, contudo concordavam sobre o significado das estruturas sociais e ideológicas capitalistas, sendo conhecidos combatentes políticos dessas estruturas.
- (D) Braudel era francês, ligado aos Annales, que, por sua vez, eram um dos braços ideológicos do partido comunista francês. Já Anderson era um comunista inglês de outra linha de ação. A teoria foi apenas um pano de fundo ideológico para o debate político sobre os rumos dos dois partidos comunistas (o francês e o inglês).
- (E) Braudel era representante do partido comunista francês e sua concepção teórica estava pautada na chamada escola dos Annales, para a qual a geografia escondia a luta estrutural e identitária de classes. Já Anderson era do partido comunista inglês, que percebia a luta de classes na ação social e ideológica das estruturas sociais e políticas.

34 Leia atentamente o trecho abaixo e responda a questão proposta.

“Antes de terminar o século XVIII, era evidente que a Inglaterra se tornara, após a Holanda, o país mais urbanizado da Europa. Nos tempos da Renascença, a cidade fora sinônimo de civilização, o campo de rudeza e rusticidade. [...] Contudo já bem antes de 1802, tornara-se lugar comum sustentar que o campo era mais bonito que a cidade. ‘Ninguém’ escrevia William Shenstone em 1748, ‘preferirá a beleza de uma rua à de uma relva ou um bosque.’ [...] Em parte, essa convicção se devia à deterioração do ambiente urbano”.

Keith Thomas. “Cidade ou campo?” *O homem e o mundo natural*. São Paulo Cia das Letras, 1988, pp. 290-291

O autor Keith Thomas descreve no trecho um processo de urbanização que nasceu da Revolução industrial inglesa, ocorrida na segunda metade do século XVIII. Para o autor a relação entre esta revolução e a urbanização das cidades na Inglaterra caracterizava-se pela preferência em se viver:

- (A) nas cidades, que simbolizavam a nova ordem capitalista e industrial. Essa preferência se contrapunha à percepção do campo como o local de rudeza e atraso desde a época da Renascença.
- (B) nas cidades, que representavam a modernidade. Contraditoriamente, contudo, essa nova vida cidadina gerava uma nostalgia romântica da vida no campo, devido à deterioração do ambiente urbano, fruto da industrialização.
- (C) nas cidades e no campo simultaneamente. Trabalhava-se nas cidades e se residia no campo, transformado, desde a Renascença, em um anel verde e civilizacional das grandes cidades inglesas.
- (D) no campo, devido à deterioração do ambiente urbano. Os intelectuais percebiam que a tendência crescente de se morar nas cidades deveria ser combatida, mas o povo continuava a migrar para as cidades, agora industrializadas e poluídas.
- (E) nas cidades, que representavam o local de moradia do poder e da monarquia britânica, que patrocinou o processo civilizatório da renascença, que foi o berço da revolução industrial inglesa.



ÁREA V – LETRAS, COMUNICAÇÃO E CIÊNCIAS DAS ARTES

35 Leia atentamente o trecho abaixo sobre a produção e usos da farinha de mandioca (ou macaxeira) no antigo Grão-Pará colonial.

“A farinha de mandioca para um significativo número de grupos indígenas, mais que um alimento para lhes nutrir e dar energia para o cumprimento de suas atividades, ligava-se a um passado mítico, transcendente, um elo cultural com os antepassados, que lhes eram muito caros. Ao mesmo tempo, a farinha de mandioca contribuía para a viabilização de importantes empreendimentos coloniais, fossem civis ou eclesiásticos, como a edificação de missões, a manutenção de tropas de resgate destinadas a captura de índios, e o abastecimento de canoas voltadas para a coleta das especiarias sertão adentro. Assim se conclui que a oferta de farinha e seu controle pelos portugueses colonizadores poderia constituir-se em um importante meio de convencer os índios para passarem a habitar nas missões”.

Roberto Borges da Cruz. “A farinha de cada dia: apropriações e trocas alimentares na Amazônia colonial. In *Anais eletrônicos do IV Encontro Internacional de História Colonial*. Belém: 2012. <http://www.ifch.unicamp.br/ihb/Textos/RBCruzFarinha.pdf>

Acessado em 19 de abril de 2013. Texto adaptado.

De acordo com o trecho acima e por seus conhecimentos, o papel da farinha de macaxeira na vida dos povos indígenas amazônicos no período colonial é caracterizado pela:

- (A) apropriação que os portugueses fizeram do papel mítico e cultural da farinha entre os povos indígenas. Assim a farinha tornou-se – na colonização amazônica – um elemento de integração cultural e trocas de saberes entre portugueses e diversos povos indígenas amazônicos.
- (B) deterioração do uso tradicional e mítico da farinha entre os povos indígenas e sua crescente produção e uso racional por parte dos portugueses. Estes passaram a produzir esse tubérculo visando a sua exportação. Essa produção encareceu o produto e simbolizou a exploração dos povos indígenas na região amazônica.
- (C) apropriação da produção da farinha pelo colonizadores. Ela foi utilizada pelos portugueses como um meio (nutricional e mítico) de atração de indígenas para as missões e catequese, bem como para manutenção de tropas e de canoas, que eram sustentadas pelo peixe salgado e pela farinha.
- (D) adaptação da produção de farinha aos moldes e à proporção adequada ao processo colonizador europeu. A farinha era produzida pelos índios, mas era industrializada pelos portugueses, sendo revendida dentro da política mercantilista do antigo sistema colonial.
- (E) apropriação da produção da farinha pelos colonos portugueses da Amazônia. Assim o produto (que antes era plantado pelos indígenas e servia de alimento para a alma e para os mitos indígenas), depois da colonização, passou a ser produzido pelos colonos portugueses, de forma “racional” e sem respeito à cultura indígena.

36 Leia o trecho do artigo escrito por José Maia Bezerra Neto. Depois, responda a questão proposta.

“No fim das contas, passado o tempo mais imediato das festas durante o mês de maio em torno da Lei Áurea de 13 de Maio, apesar de ela ter sido uma vitória do abolicionismo, inclusive dos escravos que tiveram papel importante na desconstrução da escravidão, a ressaca que viera depois sem tempo para passar acabou embotando o caráter polissêmico do 13 de Maio. Sendo enfatizado justamente aquilo que acabou ficando como expressão da força do gradualismo, ou seja, a Abolição como uma reforma ou modernização conservadora, não porque a escravidão fosse necessariamente antítese da modernidade, mas porque não tinha mais lugar no “ideal de modernidade”[e de republicanismo] que vingou no século XIX”.

José Maia Bezerra Neto. “O 13 de maio, a abolição e as visões de liberdade. Reflexões e inquietações sobre o fim da escravidão no Brasil” *Revista história e-história*. <http://www.historiahistoria.com.br/materia.cfm?tb=artigos&id=130>. Acessado em 19 de abril de 2013.

Segundo a ideia do autor o significado do 13 de maio de 1888 resume-se no caráter:

- (A) vitorioso do abolicionismo radical, que – por meio de uma lei única e da abolição sem indenização – levantou a bandeira do papel dos ex-escravos na desconstrução da escravidão e do preconceito racial no Brasil após a abolição.
- (B) derrotista do abolicionismo gradualista e conservador e na consequente vitória dos abolicionistas civilizacionais e republicanos vanguardistas, que criaram o caráter polissêmico do 13 de maio e de sua radicalização.
- (C) unilateral do abolicionismo republicano no Brasil, que libertou os escravos sem indenização, mas os reutilizou como mão-de-obra barata na falta de outros braços, sobretudo nas lavouras de café e de cana de açúcar.
- (D) autoritário do movimento abolicionista, que impôs a abolição aos proprietários de escravos. Isso gerou a proclamação da República, quando subiram ao poder os republicanos, que desprezaram os ex-escravos, exilando-os em guetos e criando uma política segregacionista, que só foi abolida no período de 1930.
- (E) complexo do movimento abolicionista. Ao mesmo tempo que ele abriu caminho para que os escravos lutassem por sua liberdade, também rendeu votos aos conservadores que, com a república, perceberam os ex-escravos como a “antítese” da modernidade.



ÁREA V – LETRAS, COMUNICAÇÃO E CIÊNCIAS DAS ARTES

- 37** Atente para as duas pinturas que se seguem. Elas foram feitas pelo pintor e viajante francês Jean Baptiste Debret durante o final do período colonial e os anos iniciais do Império no Brasil.



Jean Baptiste Debret. "Prancha 11 - Barbeiros ambulantes". In Jean Baptiste Debret. *Viagem pitoresca e história ao Brasil*. Rio de Janeiro: Círculo do Livro, 1988, volume 1, p. 187.



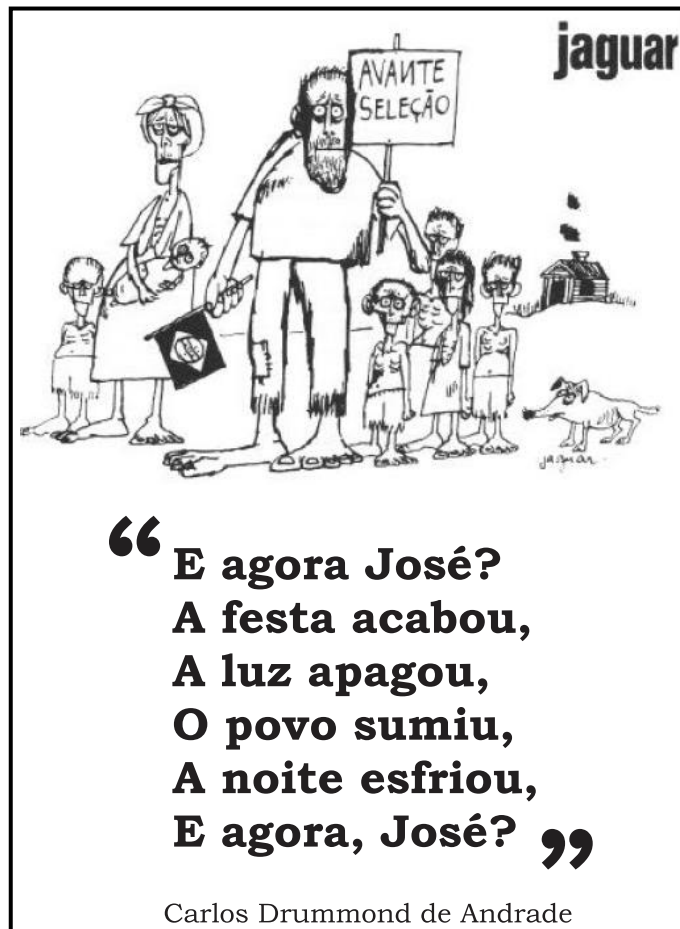
Jean Baptiste Debret. "Prancha 25 - Feitores castigando negros". In Jean Baptiste Debret. *Viagem pitoresca e história ao Brasil*. Rio de Janeiro: Círculo do Livro, 1988, volume 1, p. 237.

De acordo com seus conhecimentos sobre o funcionamento da escravidão no Brasil colonial e imperial e pelas duas pinturas de Debret essa escravidão era

- (A) eminentemente africana e tinha como principal característica a repressão e vigilância constante dos feitores e de soldados aos escravos, fossem no campo como nas cidades. Os indígenas não eram escravizados, mas viviam sob condições de semi-escravidão, sobretudo na Amazônia.
- (B) mista. Nela os africanos viviam no campo, onde estavam sob o olhar atento dos feitores. Já os indígenas eram escravizados nas cidades onde viviam mais "livres". Contudo tinham que prestar contas diariamente do que recebiam aos seus amos.
- (C) predominantemente africana, sobretudo no sudeste e nordeste. Nela havia diferenças entre os escravos do campo (que contavam mais com a presença dos feitores) e os escravos urbanos, (viviam nas ruas, fazendo tarefas diárias - escravos de ganho). Estes prestavam contas periodicamente aos seus donos.
- (D) mista. Nela os africanos eram escravizados para as grandes lavouras. Os povos indígenas, por sua vez, trabalhavam em tarefas domésticas cuidando de afazeres senhoriais como o fazer a barba, conforme esclarece a imagem primeira.
- (E) predominantemente africana, pois este tipo de escravo era utilizado tanto no campo como nas cidades. No campo havia um rígido policiamento senhorial e nas cidades essa monitoria era feita por feitores e homens de polícia de forma mais branda.



38 Observe atentamente a charge abaixo feita pelo cartunista JAGUAR para o jornal Pasquim em 1970. Depois responda a questão proposta:



Jaguar “E agora, José?” Charge publicada originalmente em 1970 no jornal Pasquim. Retirada do site do cartunista Jaguar. <http://alienacaobrasil.blogspot.com.br/2010/01/e-agora-jose-charge-de-1970-do-jaguar.html>. Acesso em 21 de abril de 2013.

A charge acima foi feita em 1970, durante a ditadura militar que se estabeleceu no Brasil em 1964, na ocasião da comemoração do tricampeonato de futebol que os brasileiros ganharam. A relação que o cartunista Jaguar estabelece entre os dois episódios é de:

- (A) proximidade, pois até o povo mais simples (os “José” da poesia de Drummond) comemorou a vitória da seleção brasileira, agradecendo ao governo da ditadura militar esta felicidade apesar de sua situação de pobreza.
- (B) conflito aberto entre o povo e o governo militar. O povo abaixava a bandeira brasileira e pedia que a seleção dos problemas brasileiros fosse tema nacional durante o regime militar no Brasil de 1970.
- (C) contradição, porque havia um clima de euforia e comemoração popular, mas o Brasil e nele seus “José” (metáfora do povo) viviam na miséria e sem direitos políticos.
- (D) conflito entre os mais ricos que comemoravam a vitória da seleção brasileira de futebol e os “José” (homens politizados e de esquerda) que pediam uma maior conscientização do povo para os problemas da ditadura militar no Brasil.
- (E) contradição entre a vida sofrida do povo brasileiro (o José da poesia de Carlos Drummond de Andrade) e a boa vida dos jogadores da seleção brasileira que ganhavam salários milionários depois da vitória na copa.



39 Observe com atenção as duas manchetes presentes nas capas de jornais abaixo e responda a questão proposta sobre o final da ditadura militar no Brasil.

Artigo do Jornal do Brasil sobre a lei da anistia de 28 de agosto de 1979.
<http://www.jblog.com.br/hojenahistoria.php?blogid=57&archive=2010-08>. Acesso em 19 de abril de 2013.

<http://historiarefletida.blogspot.com.br/2011/06/o-regime-ditatorial-militar-no-brasil.html>. Acesso em 19 de abril de 2013.

Os jornais selecionados discutem dois temas relacionados ao final da ditadura militar no Brasil. A relação entre os dois temas é fundamentada na ideia de que algumas mudanças apontavam para o fim da ditadura militar porque:

- (A) os militantes revolucionários que fizeram a guerrilha do Araguaia voltaram ao Brasil com a anistia de 1979 e eles conduziram o povo brasileiro às ruas na campanha das “Diretas Já”, que pedia eleições diretas para presidente da república e o fim da ditadura militar.
- (B) houve pressão popular por eleições diretas e pelo fim das prisões políticas. Pouco a pouco, o regime militar recuou e depois da campanha das eleições diretas para presidente, os militares tiveram de abrir para que fosse eleito diretamente Tancredo Neves.
- (C) o governo militar, pressionado pelos EUA, teve que ceder e dar anistia política aos exilados pelo regime. Depois desse retorno, o povo animou-se a ir às ruas e pleiteou eleições presidenciais “já” e não em 1986. Dessa forma, os militares tiveram de antecipar as eleições, encerrando-se o período ditatorial no Brasil.
- (D) o governo do general Figueiredo foi incumbido de extinguir (de forma lenta e gradual) a ditadura militar. O processo, contudo se acelerou com as greves do ABC paulista e com a crise do petróleo, fazendo com que Tancredo Neves fosse eleito diretamente em 1984 (Campanha pelas Diretas Já).
- (E) houve pressões internas e externas: havia uma severa crise econômica e política. Também existia uma pressão popular pela liberdade de expressão e de voto (campanha pela anistia política e pelas eleições diretas para presidente).



ÁREA V – LETRAS, COMUNICAÇÃO E CIÊNCIAS DAS ARTES

- 40** Observe a tira de quadrinhos abaixo e o comentário sobre a personagem Mafalda. Depois responda à questão proposta sobre o período da Guerra Fria.



Quadrinho da Mafalda. http://www.fotolog.com.br/mafalda_tiras/52008648/. Acesso em 19 de abril 2013.

“De setembro de 1964 a junho de 1973, Mafalda incomodou o mundo dos adultos em 2.000 tiras publicadas na Argentina. Depois, ela voltou a aparecer apenas em campanhas políticas e institucionais. Guerra do Vietnã, armamento nuclear, racismo, Cortina de Ferro, nada escapava dos questionamentos da menina. (...) O filósofo Umberto Eco, que prefaciou a primeira edição italiana de Mafalda (1969), a definiu como “heroína que reivindica o direito de seguir criança, sem se responsabilizar pelo universo adulterado dos pais”.

Augusto Gazir “Mafalda estava certa”. Folha de São Paulo, 12 de junho de 1998.
<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq12069803.htm> Acessada em 19 de abril de 2013.

A tira da Mafalda e seu espírito descrito no texto acima enunciam uma postura do cartunista Quino sobre o assunto grave da Guerra Fria e da cortina de ferro no leste europeu. No humor de Quino (e de sua Mafalda) a felicitação de natal feita pela menina nada inocente ricocheteou na “maldita cortina de ferro” porque:

- (A) na época da Guerra Fria, a comunicação entre o ocidente e o oriente foi bloqueada. A ideia da “cortina de ferro” era fechar o território para a influência ocidental. Contudo o humor de Quino propõe que sua menina Mafalda fale aos dois mundos, mesmo com ricocheteios;
- (B) a cortina soviética (a de ferro) era fechada a todo o armamento ocidental. Assim Mafalda brinca com isso e propõe a volta de seu tiro de humor, satirizando os soviéticos e sua sociedade “maldita”;
- (C) Mafalda não acreditava que a uma felicitação de natal seguiria o rigor da censura soviética. Assim o desenhista Quino brincou com esta censura e a colocou a prova numa brincadeira que afrontava a ditadura militar soviética. A brincadeira, contudo gerou a expulsão do cartunista Quino da URSS em 1973;
- (D) a volta da felicitação de Mafalda significou o retorno à América Latina dos ideais soviéticos de socialismo e de comunismo, que prevaleciam na ideia heroica e bem humorada de seu personagem;
- (E) Mafalda confiava na cortina de ferro e no abrandamento de sua censura durante a época natalina. Como os soviéticos eram ateus e não acreditavam no Natal a tira satiriza este paganismo e chama de “malditos” os soviéticos que fecharam as portas para uma ingênua saudação natalina.